

# MUITA TEORIA E POUCA OBSERVAÇÃO

## A TRISTE SITUAÇÃO DO ESTUDO DA ECONOMIA

Barbara R. Bergmann

**A** economia apresenta-se em triste situação atualmente, do mesmo modo que o estudo da economia. Mau conselhos, por parte de alguns economistas, têm nos colocado em apuros, contribuindo para nos manter nesta situação. O fracasso dos economistas na elaboração de soluções convenientes aos problemas da economia tornou-se óbvio para os políticos, a comunidade comercial, o público em geral e aos economistas acadêmicos de bom senso.

Há poucos meses, um Prêmio Nobel de Economia, professor Wassily Leontief, da Universidade de Nova Iorque, escreveu sobre a situação atual, questionando se os economistas estariam gastando suas energias elaborando teorias instáveis, que não podem ser comprovadas, e se o conjunto de tanto trabalho não estaria sendo inútil ao conhecimento da economia.

Um segundo apelo pela renovação do estudo econômico aparece nas páginas do *The American Economic Review*, cujo artigo principal é um notável ensaio do professor Vernon L. Smith, da Universidade do Arizona, no qual ele implora maior atenção à possibilidade de desenvolvimento da economia como uma ciência experimental.

Smith criou um laboratório, onde sistematicamente observa pequenos grupos de pessoas comprando, vendendo e fazendo ofertas, em jogos que ele elaborou. Estes jogos foram concebidos para simular os ambientes que os indivíduos vivem na economia do dia-a-dia. Observando a forma como são conduzidos os "negócios" do laboratório, ele espera entender como as pessoas se comportam na vida comum.

Tanto Leontief quanto Smith sugerem que mudemos, ou, pelo menos, suplementemos o método científico básico da economia, que permanece quase inalterado ao longo do tempo, desde Adam Smith e David Ricardo. Um método que consiste em sentar nos escritórios e pensar. Diferentemente de Ricardo, que passou anos como um homem de negócios, poucos economistas hoje têm contato direto com gente de negócios, cujo comportamento é, em última instância, o principal assunto da economia. Em suma, não existe por parte dos economistas uma observação direta e sistemática de operações comerciais.

Ao contrário, os economistas têm tentado tradicionalmente compreender o comportamento comercial através de uma lógica dedutiva. Primeiramente



começam por considerar que os homens de negócios pensam como economistas. A partir daí, imaginam uma série de circunstâncias, novamente com a cabeça de economistas. Finalmente tentam descobrir como os homens de negócios atuam diante das situações imaginadas, seguindo o típico pensamento de um economista. Tudo isto sem ao menos abordarem o escritório.

A descrição, a resolução e as conclusões da economia feitas por escrito constituem um processo de conhecimento tão intelectual, que deveria se incluir na chamada Teoria Econômica. Publicar muito tem sido o método mais seguro para um economista adquirir alto *status* em sua profissão.

Depois da II Guerra Mundial, três novos ramos constituíram-se meios para os economistas obterem e usarem suas informações sobre economia real, sem nenhuma necessidade de passar muito tempo fora de seus escritórios.

Em primeiro lugar, o Governo norte-americano começou a produzir mensalmente, ou de quatro em quatro meses, estimativas a respeito de uma série de

dados econômicos, tais como Produto Interno Bruto, gastos do consumidor, investimentos, emprego e desemprego, indicativos de preços e taxas de juros.

O segundo passo foi a elaboração de uma teoria econômica, que se propõe a fornecer uma base para a interpretação estatística de tais dados. O terceiro fator, surgiu quando os computadores tornaram-se acessíveis aos pesquisadores econômicos, a fim de que a grande extensão de dados necessários à teoria econômica pudesse ser elaborado mais rapidamente.

Infelizmente, o "trabalho empírico" — feito por economistas através de uma análise computadorizada dos dados fornecidos pelo Governo — resultou num conhecimento pouco questionado e de pequena valia para a economia prática, particularmente a do setor de negócios. O que torna claro que os dados fornecidos pelo Governo não são suficientes para permitir aos economistas um diagnóstico confiável do funcionamento desta economia.

O que Leontief e Smith dizem é que novos métodos de pesquisa devem ser explorados, métodos

que façam os economistas sair de seus escritórios. O método Smith é engenhoso e promissor, mas, sem dúvida, o único à disposição. Assim, os economistas deveriam tirar proveito das práticas dos cientistas sociais de outras disciplinas, deixando de lado seus preconceitos, gerados pela falta de *status* ou pelos seus diferentes métodos de pesquisa.

Os antropólogos, por exemplo, não esperam conhecer todo comportamento social do homem ficando sentados em seus escritórios a pensar. Ao contrário, eles vão viver com as pessoas que pretendem estudar, atuando como "observadores participantes". Seguindo a idéia, jovens economistas poderiam passar algum tempo em bancos ou empresas, tentando discernir como realmente as decisões são tomadas.

Os sociólogos tornaram-se especialistas em amontoar análises feitas com baixo custo, utilizando-se de estudantes na coleta de dados. O trabalho de pesquisa em pequenas amostras pode "render" conhecimento qualitativo e quantitativo aos economistas no setor de negócios. Assim que eles começarem a obter maior progresso no entendimento das formas de comportamento do comércio individualmente, poderão utilizar-se de metodologias semelhantes às desenvolvidas por engenheiros para promover um somatório de todos os dados.

As súplicas para uma mudança de direção da pesquisa econômica devem despertar algum novo interesse na profissão, mas um grande número de economistas não mudará de hábitos logo. Os mais velhos continuarão orgulhosos do seu rigor intelectual dentro da economia tradicional, que escolheram por sua metodologia dedutiva. Muitos devem permanecer relutantes em considerar sérios quaisquer métodos de pesquisa que não lhes sejam familiares. Para economistas mais jovens, que querem obter carreiras estáveis, impressionando os economistas mais velhos, os novos métodos parecem ousados e dispendiosos de tempo.

A fim de que uma reforma da metodologia de pesquisa dos economistas se fortaleça, pelo menos dois ou três dos principais departamentos acadêmicos de um país teriam que se tornar centros de novas formas de pesquisa econômica no comportamento dos negócios. Nenhum parece apto a fazer isto. Então, parece-nos que por muito tempo ainda os economistas ficarão sentados em seus escritórios, confiantes em sua metodologia de 200 anos de idade.

Barbara R. Bergmann é professora de economia na Universidade de Maryland e escreve regularmente para a seção comercial de domingo do *The New York Times*.